

## **Gestualidades, corpos e espaços da calistenia: tecendo traduções no Novo Ensino Médio**

Flávio Nunes dos Santos Júnior

Começamos dizendo que este texto traz cenas produzidas mediante um choque entre a teorização do currículo cultural de Educação Física e os documentos orientadores e normatizadores do Novo Ensino Médio. Resume-se a uma tradução, um fazer pedagógico atravessado pelos enunciados de ambos juntamente com a realidade vivida na unidade escolar, bem como na comunidade onde a instituição está inserida. Feito o adendo, relatar as experiências vividas com estudantes da terceira série do Novo Ensino Médio com o tema calistenia, eis o propósito. A tematização ocorreu na Escola Estadual Professor Tenente Ariston de Oliveira, localizada no distrito do Capão Redondo, periferia da maior cidade da América Latina, São Paulo.

O trabalho foi intelectualmente produzido de forma coletiva<sup>1</sup>, realizado juntamente com estudantes do curso de graduação de Educação Física (Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo), Michel, Bárbara e Gabi, e com a companheira de pesquisa Marinete, professora da rede pública de Guanambi, cidade da mesorregião Centro-Sul do estado da Bahia, e estudante vinculada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

No segundo semestre de 2023, assim que retornamos do recesso escolar do mês de julho, fizemos algumas conversas sobre aquilo que foi vivido na primeira metade do ano com o tema xadrez. “Professor, o que vamos estudar agora?”. “Vamos mudar de tema”. Saí do encontro com essas interrogações disparadas pela turma.

Passado uma semana, reencontramo-nos em mais uma segunda feira, às 7h, a sonolência tomava conta de várias/os. Todavia, tinha quem se encontrava animado, aceso. Após saudá-los/as, anunciamos que a partir do presente encontro dedicaríamos atenção para outro assunto: a calistenia. “Nossa, não acredito”. “Os meninos só falam disso”. “Não aguento mais, todo trabalho que os professores pedem, esses meninos falam sobre calistenia”.

As falas das meninas ilustraram as motivações para escolha da calistenia enquanto tema. Na turma tinham pessoas que se envolviam intensamente com a prática corporal, era comum passar pela porta da sala e se deparar com alguém fazendo exercícios calistênicos

---

<sup>1</sup> Todavia, ressaltamos que em algumas passagens do texto há uma escrita em primeira pessoa por se tratar de momentos vividos diretamente pelo docente.

utilizando de mesas e carteiras. Tinha vezes que o corredor da escola se tornava o palco. Nas trocas de aulas, as/os discentes o ocupavam, encostados na parede apoiavam as mãos no chão e colocavam os pés para cima – “sabe fazer, professor?”. Em meio às execuções também se notava a exibição do corpo. Existia entre eles uma admiração pela definição dos músculos, especialmente os do tronco e dos braços.

Ao lançar a provocação “Calistenia, o que sabemos?” as/os estudantes enunciaram: Exercícios com a mesa; gestos – handstand, fullplanch, paralela, barra e Lsit; treino militar; e uso do peso próprio corpo. Quando questionadas/os acerca dos locais, disseram: casa; não há restrições; e Parque Santo Dias. Para além das indagações, as comunicações estabelecidas no grupo de WhatsApp da turma vieram à tona. Veloz mencionou que parte dos meninos envia constantemente mensagens afirmando que calistenia não é para menina, mulher tem de ficar em casa no fogão. Seguiu questionando a postura dos colegas e expos uma situação vivida com Jeferson – “Um dia a gente tava fazendo mudança, o Jeferson morreu com a geladeira, nem aguentou, eu peguei de boa”. O sentimento de vergonha o invadiu e perante os colegas Jeferson tentou se explicar.





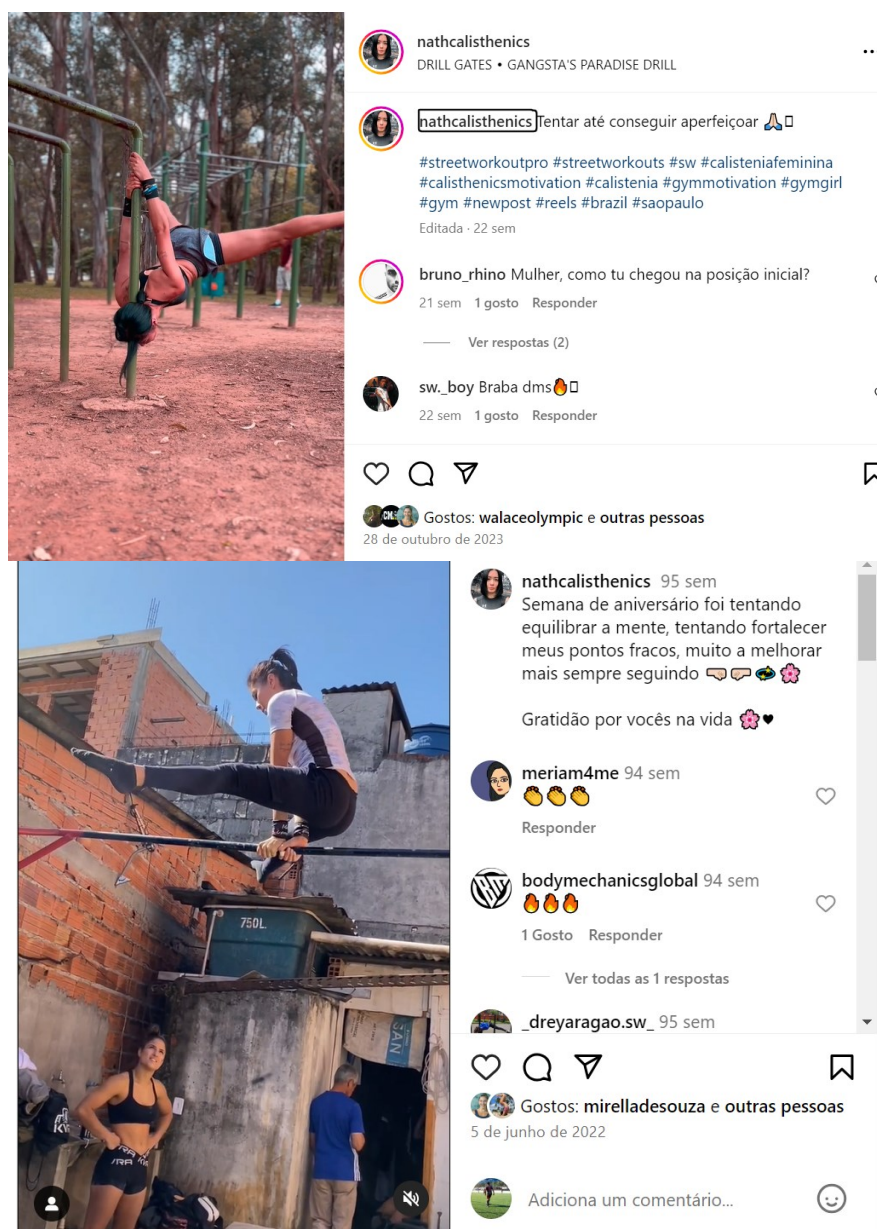
A conversa também foi composta pela exposição de gestos. Patrick se colocou à disposição para demonstrar full-planch usando a mesa. Bruno, estudante sempre envolvido nas discussões sobre o tema, ficou com vergonha, preferiu apenas observar. César demonstrou L-sit. “Olha, ele está com tremelique”. Com o propósito de alcançar os/as estudantes que não estavam se sentindo à vontade para expor seus conhecimentos e curiosidades, abriu-se o convite para criação de questões a respeito da ocorrência da calistenia.

1. A calistenia surgiu em que ano?	15. Onde surgiu a calistenia?
2. O que motivaria alguém a fazer calistenia?	16. Quem inventou a calistenia?
3. Como o corpo reage à primeira semana de treino?	17. Quais são os benefícios?
4. Qual a maior dificuldade de fazer a calistenia?	18. É possível fazer calistenia sem barra?
5. Qual é a coisa mais fácil na prática de calistenia?	19. O que é calistenia?
6. Por que os nomes são em inglês?	20. Qual hormônio é estimulado durante os exercícios?
7. De onde e quando surgiu?	21. Quais os malefícios da calistenia?
8. Onde é mais praticado?	22. Exercícios da calistenia, quais são?
9. Quais os benefícios?	23. Calistenia é uma atividade que todos tem acesso?
10. Tem semelhança com crossfit?	24. Qual é a idade ideal para a prática?
11. Quais são as bases da calistenia?	25. Qual é a duração do treino?
12. O que é calistenia?	26. Em quais locais ela pode ser praticada?
13. Quais benefícios a calistenia tem?	27. Quais são os riscos implicados na prática?
14. Quem tem escoliose pode fazer calistenia?	28. Existem modalidades?

Informamos à turma que o trabalho seria pautado pelas perguntas produzidas coletivamente, sem se dispor a apresentar respostas para todas, muito menos sugerir discussões

totalizantes para algumas delas. Também frisamos que nada nos impediria de criar outras no decorrer. Portanto, a tematização ficou à espreita para tecer um diálogo cuidadoso com as questões postas pelos/as estudantes.

Tendo em vista os apontamentos realizados sobre as condutas de parte dos meninos a respeito das subjetividades envolvidas na prática da calistenia, navegamos pela rede social Instagram para assistir vídeos de mulheres realizando.



Conforme assistiam, Patrick e César faziam falas de desautorização das mulheres. A cada gesto apresentado na tela pelos corpos femininos se ouvia: “Esse eu sei fazer”. “Esse é

fácil”. As expressões sinalizavam um movimento de superioridade, parecia existir um sentimento de ameaça sobre suas capacidades. Algumas meninas rebateram a postura deles, dizendo que já não se afetavam mais com as falas. Isso deu aparência de o quão normal estava a emissão de piadas ou tentativas de gracejos carregados de um tom preconceituoso, machista, homofóbico, misógino. Reforçamos que narrativas deste tipo não poderiam ser entendidas como humor, uma vez que causam sofrimento, dor, angústia, mágoas. Percebendo o aperto sofrido, os meninos insistiram na justificativa, assumindo que estavam apenas brincando. As meninas foram enfáticas dizendo que este tipo de conduta interrompe a participação de muitas mulheres em diversas práticas culturais, não podendo ser encarada como brincadeira.

Investimos na experimentação dos gestos da calistenia no espaço da quadra. Iniciamos com a realização de caminhada ou corrida. Após, criamos um circuito com os seguintes exercícios: flexão de braço, agachamento, barra fixa, escalador ou montain climber e abdominal prancha. Ao realizarem a caminhada, alguns/mas estudantes empregaram um ritmo acelerado. Resultado: rapidamente aparentaram cansaço. Destaquei não ser recomendável usar uma intensidade alta no começo da sessão de treino, sendo indicado a adoção de uma intensidade leve. Patrick parecia ter uma necessidade de mostrar às/aos colegas sua habilidade em fazer determinados movimentos, a comanda emitida solicitava apenas uma caminhada envolta da quadra, mas ele fazia questão de correr - de costas, de lado. Após 8 minutos de aquecimento, os/as estudantes se dirigiram aos colchonetes e tatames dispostos no meio da quadra para realização dos movimentos de calistenia. Começamos pela flexão de braços sugerindo duas formas de execução, uma com o apoio dos joelhos no chão e outra com o apoio dos pés - “Eu nunca fiz isso, prof”. “Eu faço em casa”. “Eu fazia na pandemia”. Conforme realizavam, apontávamos alguns ajustes: “junta os pés”; “afasta mais os braços”. Não faltaram falas motivacionais: “bora”, “está acabando”. Tudo isso ao som de músicas escolhidas pelos/as próprios/as estudantes presentes.

Alguns/mas discentes optaram apenas pela observação. Outros/as se contagiaram com o clima presente e aos poucos foram adentrando à atividade. Com o fervor da calistenia, Patrick, César e Jefferson insistiram em tirar a camiseta - “posso tirar a camiseta, está muito calor?”. Ficou notório que o calor foi usado apenas como pretexto. Durante o intervalo das séries, as poses da cultura fitness emergiam. Os meninos cultivavam com muito entusiasmo a estética masculina musculosa. Ana Paula não deixou passar batido, problematizou o acontecimento - “Ah se fosse uma menina retirando a camisa na aula. O professor já estava demitido. As redes sociais já estariam cheias de coisas. Mas os meninos podem”. Outros gestos emergiram, usando o apoiador, Jeferson demonstrou o exercício parada de mão (handstand), Patrick apresentou L-

sit. No decorrer dos exercícios, rosto corado, fadiga, cansaço, foram tomando conta de alguns/mas estudantes. “Vou morrer”. Ao final, Patrick, César e Jeferson se dirigiram para frente do espelho que fica no banheiro para fazer poses, escalando Veloz para tirar fotos.

Num novo encontro recuperamos o ocorrido da aula anterior. Giovani mencionou ter ficado com dores por dois dias. Outros disseram que não sentiram absolutamente nada, deram até risada do colega. Destacaram que a intensidade dos exercícios foi bem leve. Após as observações, abrimos convite para a turma assistir novos vídeos que apresentavam corpos outros praticando calistenia, quais sejam, mulheres, idosos, pessoas com deficiência, crianças. Solicitamos atenção às narrativas enunciadas por cada uma dessas subjetividades quanto à prática da calistenia.

Ao assistir o envolvimento do sujeito idoso, notaram que seu engajamento se dá pela busca de uma melhora na saúde. Patrick imediatamente mencionou que realizava os treinos na academia apenas por conta da questão estética. As/Os colegas frisaram a conduta dele no dia a dia, de se olhar e observar os outros exageradamente, em especial ao César. Veloz emulou a postura adotada por eles, foi à frente para demonstrar – peito estufado, mão na cintura; contração de tríceps, abdômen.

Mais uma vez, ao assistir o vídeo das mulheres, alguns meninos buscaram desqualificá-las – “ah isso o César faz”. Ninguém os responderam. Preferiram apenas admirar a performance delas. O rapaz cadeirante gerou admiração por todos/as. Além do peso do corpo, ele ainda tem de lidar com a carga da cadeira. Por fim, vimos as crianças, notamos que a infância se envolve pela diversão, na qual tira a calistenia deste lugar exclusivo de ginástica para também considerá-la enquanto brincadeira.

Depois de apreciar os múltiplos corpos, foi a hora de se dirigir à quadra para uma nova vivência. Iniciamos de novo com uma caminhada. Em seguida fomos para trave realizar barra fixa com pegada aberta e fechada. Veloz lembrou que as mulheres faziam em dupla. César e Patrick tentaram imitá-las, mas não tiveram sucesso, culparam a polegada da trave.

Ainda penduradas/os na trave, realizaram abdominal em isometria, com joelhos e quadris flexionados. Alguns/mas aguentaram segurar por 20 e 30 segundos. Teve quem alcançou 1 minuto, Marta foi uma dessas pessoas, manteve-se parada esboçando sorriso. A proposta de realizar os exercícios na trave no começo da sessão surgiu em decorrência de alguns/mas reclamarem na aula anterior da mão escorregar por conta do suor. Ainda assim teve quem não conseguiu manter a pegada pelo mesmo motivo.



As/Os estudantes realizaram os exercícios conforme suas preferências. Marta, por exemplo, não quis fazer a caminhada, mas se sentiu à vontade para fazer o abdominal na trave. Veloz a elogiou, pareceu uma tentativa de desmascarar os meninos que arrotavam preconceito diariamente. Importante falar da trave, uma estrutura posta para estrita prática esportiva,

especialmente futsal e handebol. Fizemos dela uma outra coisa, a colocamos para funcionar dentro de um outro sistema.

Conforme sugerido pelas mulheres no vídeo, realizamos agachamento unilateral em dupla. “O César faz sem apoio de ninguém”. “Tem de agachar até o chão?”. “Tem de descer até onde?”. “Minhas pernas doem”. “Vou fazer com ele”. Partimos para o abdominal prancha, boa parte das pessoas se motivaram a fazer, até quem não se sentiu disposto para o agachamento, e nem para a barra, levantou-se para encarar o exercício indicado para o abdômen. “Esse ajuda a perder barriga?”. A preocupação com a gordura localizada talvez tenha sido o motivador. Flexão de braço em dupla, a repetição era seguida por um toque na mão do colega. Kevin disse que iria pagar abdominal por não ter feito a caminhada. Tentou resistir para a flexão de braço em dupla, mas foi convencido e realizou dez repetições.

A turma foi convidada a assistir os [registros](#) das aulas vividas. Enquanto olhavam para tela, os/as estudantes faziam expressões de espanto, estampavam sorrisos, franziam a testa, arregalaram os olhos. Pareciam impressionados. Relembramos o percurso tecido. Recuperamos o debate acerca dos diferentes corpos envolvidos na ocorrência da calistenia, destacando aquilo que mobiliza as pessoas a se engajarem. Patrick mais uma vez enunciou que a questão estética é o elemento que mais o move, porém frisou o aspecto da diversão – “eu também me divirto enquanto treino”. Isso foi recebido com surpresa, pois nos encontros notamos tal palavra apenas na fala das crianças. Não estávamos compreendendo a diversão enquanto algo que pudesse fazer parte da prática promovida por outros grupos que não o da infância.

As/Os estudantes voltaram a mencionar as dores e dificuldades que sentiram durante e após a realização dos exercícios propostos. Isso motivou a exposição das reações do corpo frente às sessões de treino. Patrick destacou que os desconfortos são decorrentes de microlesões provocadas no tecido muscular e complementou que a realização constante dos exercícios, associada à alimentação e ao descanso adequados proporcionam hipertrofia e, conseqüentemente, aumento de força. Tendo em vista a frequência à academia por parte de algumas/alguns estudantes, notabilizamos a diferença entre musculação e calistenia. A turma salientou o seguinte: Calistenia – “mais força”, “mais equilíbrio”, “utiliza o peso do corpo”, “os aparelhos são diferentes”, “mais acessível”. Musculação – “aparelhos”, “halteres”, “precisa pagar”, “academia”.

Fizemos assistência de vídeo sobre a ocorrência da calistenia em inúmeros contextos históricos: Grécia - com apreciação exagerada ao corpo, a estética estava em primeiro lugar, especialmente, a estética masculina, a única subjetividade autorizada a fazer parte, com músculos realçados, volumosos e definidos; Romanos - se apropriaram da ginástica com o peso



corporal no preparo das tropas militares. O objetivo era produzir corpos fortes e ágeis para o confronto, dispostos para guerra. Na passagem do século XVIII para o XIX, alinhada às questões sociais e políticas da época, a calistenia foi usada como ferramenta capaz de constituir um corpo saudável, disciplinado e obediente, de modo a produzir o máximo possível.

Após a assistência do vídeo os/as estudantes foram provocados/as a olharem para o cenário atual, dando a perceber as razões que levam as pessoas a se apropriarem da calistenia atualmente. O grupo identificou as intencionalidades dos gregos, romanos e da Europa do fim do século XVIII ainda presentes no cotidiano contemporâneo, convivendo mutuamente, uma não representa a continuidade da outra, tão pouco uma substituição. De acordo com alguns/mas estudantes, os militares realizam com a pretensão de alcançar um corpo forte para as batalhas, as pessoas a praticam por conta de uma questão estética e há quem busque um corpo saudável. Quando o assunto é a infância, a calistenia é apenas diversão.

Tivemos o cuidado de olhar para a nossa comunidade, os espaços onde a calistenia ocorre. Em um domingo do mês de outubro, visitei o Parque Santo Dias para falar com os/as representantes da calistenia, além de experimentá-la. Era um dia de sol, o equipamento estava tomado por corpos jovens e atenciosos, que estavam reunidos num clima agradável, apoiando um ao outro, incentivando a realização dos exercícios. Parecia não haver disputas entre eles, apenas a exaltação da conquista da execução de mais uma série. Puxei conversa com Wesley, demonstrava muita habilidade nas barras. Uma pessoa que era acionada constantemente pelos demais. Ele me explicou a luta e mobilização dos/das frequentadores/as para conseguir a melhoria do parque calistênico. Também comentou a respeito do coletivo [“Monstros do Capão”](#). No meio do diálogo, expliquei a tematização que vinha realizando com discentes do Ensino Médio. Aproveitei a ocasião para convidar os presentes para um bate-papo na escola com os/as estudantes. Eles se olharam, pareciam não acreditar, indagaram acerca do local da unidade. “Jardim das Rosas”. “É pertinho, dá para ir a pé”. “Vamos sim, só mandar mensagem”. “Fechado”. Entre uma palavra e outra, eu me arriscava nas barras com dificuldades, recebendo o auxílio do Wesley. Junto comigo também estava meu filho, Felipe. Com 5 anos, subia e descia sem muito esforço e achando o máximo – “papai, olha aqui”. O momento parecia ser único, então não podia deixar de registrar, fiz diversos vídeos para, no dia seguinte, apresentá-los à turma.

Segunda feira, cheguei empolgado na escola, disposto a mostrar o [vídeo registrado](#). Após receber e cumprimentar a todos/as, comentei sobre a visita ao parque. Comecei questionando quem já tinha ido ao parque Santos Dias. Infelizmente um e outro sabia do que eu estava falando. Quando expressei Parque da Mata a maioria sacou - “Mas não é mais fácil

falar Parque da Mata porque é assim que todo mundo conhece?”. A razão de falar Santo Dias encontra terreno na memória da luta travada pelo homenageado, que ao longo dos anos 1970 travou diversas batalhas em prol dos direitos dos/das trabalhadores/as, sendo covardemente assassinado pela PM paulista da ditadura. Após identificar quem já tinha ido, questionei o que vinha à mente quando se ouvia o nome deste equipamento público: “Fumam maconha”; “Cabulam aula”; “Bebem”; “Até boca de fumo lá tem”; “Vou lá fazer caminhada”. O lugar estava excessivamente conectado a coisas negativas, o que me levou a recuperar parte da história que o constitui. Um estudante fala do envolvimento de adventistas; outro destaca a participação de indígenas, povos que já moravam na região antes da “chegada” dos adventistas na região; destaquei a perspectiva colonizadora desse grupo; e, por último, falei da chegada de nordestinos/as e de outras pessoas do interior do Brasil. Portanto, com a proposta de fazer uma positividade, demos play no [vídeo](#), de modo a ilustrar as atividades que são experimentadas no final de semana, em especial a calistenia. Enquanto assistiam, os estudantes estampavam em seus rostos uma expressão de surpresa e admiração por aquilo que as pessoas performavam nas barras. Destacamos que um público jovem masculino dominava o parque de calistenia. Há meninas, famílias, crianças, idosos/as, mas a maioria é homem, de idade entre 15 e 35 anos. Informamos à turma que na aula seguinte receberíamos convidados para uma troca e propus a elaboração de questões para balizar a conversa, frisando que nada os/as impediriam de criar outras no decorrer do encontro.

Os corpos discentes estavam acoçados pela discussão e pelo material assistido, pareciam empolgados por uma nova vivência. Tendo em vista o início do trabalho, apresentamos uma forma possível de se utilizar as carteiras para realização dos movimentos da calistenia. Outrora César aproximou duas carteiras para demonstrar um exercício, algo similar ao tríceps na paralela, apenas as invertemos, deixando-as de pernas para cima e o tampo no chão. Veloz fez um movimento de descida e subida demonstrado por César e disse - “Muito difícil. Eu não treino isso não. E nem vou treinar”. Patrick se levantou empolgado e pediu auxílio para fazer a parada de mão (handstand). Veloz se prontificou a segurá-lo, fiquei de junto também para dar apoio. César e Jefferson saíram da cadeira onde estavam sentados para performarem o mesmo gesto do amigo. Patrick reclamou de dor no ombro.



No dia seguinte, encaminhei ao Wesley as indagações elaboradas pela turma. Em mais um domingo fiz questão de comparecer ao treino no Parque Santo Dias para encontrá-lo. Conversamos sobre várias coisas, especialmente acerca da calistenia, ocupação e qualificação do equipamento público. Alinhamos o encontro na escola. Nessa ocasião tive a felicidade de conhecer [Guilherme](#), jovem de 16 anos, praticante da modalidade e um dos organizadores do espaço calistênico. Ficou animado com a ideia de participar do bate-papo. No dia seguinte, pontualmente às 7h, os dois, junto com Caíque, apontaram na porta da unidade educacional.

Ao recebê-los, dirigimo-nos à quadra ao lado das/dos estudantes. Todos acomodados, fiz uma fala introdutória salientando as intenções do encontro, de criar um momento de diálogo com pessoas que se afirmam praticantes da calistenia. Uma ocasião de ampliação das fontes de conhecimento, tínhamos acessado vídeos e textos, faltava falar diretamente com outros representantes. Wesley se apresentou ao grupo, falou sobre sua juventude e gosto pelo esporte e ginástica. Explicou a diferença entre streetworkout e calistenia. A primeira é uma variação da segunda, na qual se incorpora movimentos do break, parkour, capoeira ou qualquer outra prática que faça uso apenas do peso corporal. Nas palavras dele, no streetworkout as pessoas têm autonomia para inventar os gestos, um esporte livre que não requer muitas ferramentas, a única exigência é criar com o próprio peso do corpo. Guilherme Meira e Caíque, retraídos, brevemente se apresentaram em seguida. Wesley era muito comunicativo e logo emplacou o

assunto Parque Santo Dias. Mencionou a mobilização do coletivo e as reiteradas conversas com mandatos de vereadores para conquistar as melhorias no parque calistênico. Fez questão de sublinhar: a relação construída entre as pessoas, de receptividade e atenção com qualquer um/a que se apresenta disposto a experimentar a calistenia - “o que é mais legal entre nós é isso, quando um pega um movimento todo mundo vibra”, “..lá a gente não ensina para ficar competindo um com o outro, a gente ensina para a gente ver o melhor de cada um, entendeu?...”; os eventos periódicos chamados de treino - “junta toda nossa galera, fala ó, cada um traz um quilo de frango e de carne tal, pão, e aí a gente faz um treino coletivo, faz um churrasco também para a comunidade”; a parceria com faculdades, que oferecem bolsa integral para membros do coletivo Monstros do Capão, tendo duas pessoas contempladas no curso de licenciatura em Educação Física.

Ao lembrar das narrativas voltadas ao corpo feminino, bem como a ausência de meninas e mulheres praticantes entre as/os convidadas/os, provoqueei-os para falar sobre a participação das mulheres dentro do coletivo e no espaço. Wesley mencionou o nome de duas que participam ativamente, Priscila e Sabrina, destacando o desempenho de ambas – “As meninas mandam movimento igual eu, ou até melhor”. Aproveitou para indicar a presença de outras subjetividades: “... criança de 13 anos treinando com a gente já faz parada de mão, já faz 360. A gente tem idosos de 64, 65, anos”.

Wesley, Caíque e Meira demonstraram alguns exercícios – parada de mão, L-sit, muscle up, fullplanch, barra, flexão de braços, paralela, bandeira. Os olhos estudantis transmitiam admiração, não piscavam. Uma salva de palmas foi produzida com a finalização de gesto. Wesley convidou discentes para experimentá-los, rapidamente alguns/mas se levantaram, outros/as preferiram permanecer sentados/as apenas observando. Os/As estudantes os indagaram a respeito das dificuldades, receberam orientações, tiraram dúvidas, um momento de muita troca. Wesley comentou que o nome dos movimentos é em inglês por conta da origem da modalidade. Aos poucos cada um/a retornou ao lugar em que estava sentado/a.

O tempo se esgotava e exigiu a necessidade de fazer o encaminhamento final. Wesley fez uma última fala e demonstrou um movimento, o salto mortal. Após a realização, divulgou os dias e horários de treinos no parque e colocou-se à disposição para ajudar quem quisesse. Caíque e Meira agradeceram a recepção e carinho da turma e se despediram.





Encaminhando o encerramento do trabalho, apostamos na realização de uma visita a um espaço público no qual fosse possível vivenciar e dialogar com outros representantes. O [Parque Ibirapuera](#) apontou enquanto destino possível. Uns/umas estudantes já tinham o visitado com familiares, mas outros/as não tiveram a mesma sorte, o desconheciam por completo. Um domingo antes da saída, fui ao parque para mapear os locais em que faríamos as atividades. Ao circular pelos aparelhos de ginástica, tive a felicidade de conhecer [Carlos](#), [Wallace](#) e [Enzo](#), dois jovens e um idoso frequentadores assíduos do parque e praticantes de calistenia. Num rápido momento de conversa, expus o trabalho que estava vivendo na escola enquanto eles disseram a respeito de suas experiências. Um encontro que me animou a lançar o convite para a atividade com os estudantes no dia seguinte. Após uma rápida troca de olhares, os três acenaram positivamente. Sinalizei o quão profícuo poderia ser o encontro. Despedimo-nos e saí animado e esperançoso. No dia seguinte, partimos da unidade escolar às 7h30, um ônibus tomado por corpos estudantis eufóricos do Ensino Médio. Conseguimos chegar depois de enfrentar um cansativo congestionamento. Era tanto anda e para que o destino parecia nunca se apontar. Ao desembarcarmos, Carlos chegou de junto para nos recepcionar, pedalandando uma bike aro 26, parecia o dono da casa. Simpático e acolhedor, disse que avistou o ônibus de longe e suspeitou que fosse eu e a tropa de estudantes. Após a foto na frente do lago, adentramos ao parque, nos

acomodamos próximo do Museu Afro para vivermos uma [roda de capoeira](#)<sup>2</sup> e depois seguimos para o parque calistênico. Além dos três supracitados, encontrava-se [Antônio Benite](#). Um clima amistoso e descontraído foi se forjando. Era uma reunião de gerações, Carlos e Antônio pareciam felizes em partilhar seus conhecimentos com adolescentes. O primeiro com 76 anos e o segundo com 81 anos, corpos que destoavam completamente da estética jovem mencionada constantemente por uma parcela do grupo discente. Antônio, emanando alegria e satisfação, nos disse – “eu já fui fotografado com o Schwarzenegger. Já fui na Ana Maria Braga. Já fui no Huck”. Os dois com seus fios de cabelos brancos desafiavam a gravidade e os/as estudantes, diziam que nenhum dos/das jovens ali presentes sabia fazer aquilo que conseguiam e logo se penduraram nas barras afirmando – “olha o que sei fazer”; “olha isso aqui”, “duvido vocês fazerem isso”. Uma cena que me fez lembrar do meu filho. Enquanto brinca e faz estripulias, Felipe enuncia: “papai, olha o que eu sei fazer”. A sabedoria do corpo adulto, idoso, se encontrava com a infância. As/Os estudantes, de olhos esbugalhados e boca aberta, apreciavam com muita atenção cada detalhe. Ao assisti-los a impressão que se tinha era de que os gestos poderiam ser realizados com extrema facilidade. Mas não, ledo engano. Carlos e Antônio convidaram o grupo para experimentar, deram orientações, ajudaram na estabilização do corpo, mas não teve um/a que chegou próximo daquilo que faziam. Os braços tremiam, o rosto corava, a transpiração aumentava, os dedos doíam, enquanto as mãos escorregavam. Wallace e Enzo, rodopiavam e se equilibravam nas barras de um jeito jamais visto, nem mesmo nos vídeos acessados anteriormente assistimos algo semelhante. Destemidos, performavam uma gestualidade marcada por muita criatividade e ousadia. Frequentadores/as do parque paravam para observar o que rolava no nosso encontro. Buscou-se fugir do formato de aula, preferimos deixar os/as discentes experimentarem o que e como quisessem, que pudessem tecer o diálogo da maneira como achassem mais conveniente. Enquanto uns/umas se arriscavam mais, outros/as preferiram apenas escutar e observar as cenas. O momento fluiu de maneira leve, exalava conhecimentos, experiências, memórias, afetos. Passado pouco mais de uma hora, tivemos de nos deslocarmos, agradecemos a receptividade, a atenção e o carinho de todos eles e seguimos para outras atividades, mas teve estudante que preferiu permanecer e se comprometeu a reencontrar o grupo no momento da partida.

Por ora, a escolha da calistenia enquanto tema e todo o processo que envolve a tematização foi extremamente influenciado e atravessado pelas falas e condutas estudantis.

---

<sup>2</sup> O relato de capoeira pode ser acessado no seguinte link: <https://www.gpef.fe.usp.br/2024/01/29/santos-junior-f-n-rasteiras-desequilibrios-e-esquivas-no-novo-ensino-medio-a-invencao-de-um-curriculo-com-a-capoeira-ee-prof-tenente-ariston-de-oliveira-sao-paulo-sp-2023/>

Referenciado nas indagações levantadas pelas/os estudantes, a tradução curricular empreendida buscou abordar as condições históricas, as significações sobre a prática e seus corpos, os espaços onde ocorre, as gestualidades e os efeitos fisiológicos do exercício. As atividades planejadas, desenvolvidas e avaliadas tiveram como preocupação maior oferecer acesso a narrativas que pudessem confrontar aquilo que se apresentava aparentemente cristalizado. Assim, os encontros de toda segunda feira de manhã foram nutridos por conhecimentos e afetos politicamente voltados a colaborar na construção de subjetividades solidárias às diferenças.